

ANEXO 6. Questionário

O início das atividades de pesquisa e diálogo com os parceiros nos mostrou que não há um conceito único sobre mosaico e/ ou secretaria executiva, assim como as vezes há opiniões diferentes sobre temas que, a princípio, são consensuais. Conforme fomos conversando com os parceiros do Mosaico do Baixo Rio Negro (MBRN), foi possível perceber que as expectativas com o projeto, “estudos para o desenvolvimento de uma estratégia de sustentabilidade financeira e de governança para o Mosaico do Baixo Rio Negro”, também eram diferentes, aspecto que demonstrou a necessidade de identificação dos pontos divergentes e uma busca pelas convergências.

Após pesquisa bibliográfica, que envolveu o material produzido pelo Instituto de Pesquisas Ecológicas (Ipê) sobre o processo de criação do MBRN, foi pensada uma série de modelos alternativos para obtenção de informações sobre o mosaico. Havia a necessidade de aproximação com o grupo representante do conselho, mas também a necessidade de ouvir parceiros que trabalham com o tema.

A opção foi pela divisão da pesquisa em dois grupos: um formado por pessoas que trabalham diretamente com o MBRN ou tem algum tipo de parceria; e outro formado por representantes de outros mosaicos, especialistas e instituições relevantes. Esse último grupo teve as atividades descritas no Anexo 3, enquanto a pesquisa desenvolvida com o primeiro grupo será tratada nesse anexo.

O trabalho com o grupo de pessoas que tem relação direta com o mosaico ocorreu por meio de entrevistas estruturadas, a partir de um questionário previamente desenhado, com questões desenvolvidas a partir das percepções sobre as expectativas do grupo, obtidas por contato telefônico. A maioria das entrevistas ocorreu pessoalmente, em novembro de 2015.

As entrevistas não buscaram esgotar o tema e nem abranger todos os membros do mosaico, estratégia que se mostrou satisfatória para o objetivo do trabalho. As respostas nos permitiram entender o ambiente teórico, político e social do território, fornecendo as bases para a indução da reflexão do grupo sobre os temas a serem decididos.

As respostas foram tabuladas e são apresentadas abaixo. Não houve a identificação dos entrevistados em suas respostas, tendo sido tomado o cuidado de alterar a ordem das respostas. Isso se justifica uma vez que o objetivo não era identificar a posição de uma ou outra pessoa do grupo, mas entender as reflexões individuais que são elaboradas a partir do trabalho desenvolvido pelo grupo.

Foram ao todo trezes pessoas entrevistadas, tendo duas pessoas realizado a entrevista em grupo, por isso aparecerão apenas doze linhas na tabela. Dentre as pessoas entrevistadas tivemos: seis gestores de unidades de conservação, tanto de órgãos da União, quanto do Estado e do Município; dois representantes do terceiro setor; um representante de comunidade inserida no MBRN; dois representantes da CR-02 do ICMBio; um representante da Câmara dos Vereadores de Novo Airão; e um representante da Secretaria de Meio Ambiente de Novo Airão. Agradecemos nominalmente abaixo o tempo e a dedicação destinado às entrevistas, pois a parceria foi fundamentalmente para a obtenção das informação e compreensão do contexto local.

Entrevistados:

Ana Luiza Castello Branco Figueiredo (ICMBio)
Carlos Durigan (WCS)
Clarissa Bassi (Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Novo Airão)
Fabiano Lopez da Silva (FVA)
Jaime Gomes de Nery Junior (Secretaria de Estado do Meio Ambiente)
José Dionísio da Silva (Comunidade Lago das Pedras Rio Unini)
Keuris Kelly Souza da Silva (CR-02/ICMBio)
Leila Dessena Bloes (CR-02/ICMBio)
Kleber (Vereador de Novo Airão)
Marco Antonio (Prefeitura de Manaus, trabalho no IPE)
Maria de Fátima (Prefeitura de Manaus)
Mariana Macedo Leitão (ICMBio)
Pablo Pacheco (Secretaria de Estado do Meio Ambiente)

A análise das respostas demonstra que há um consenso sobre a importância do mosaico, mas divergências conceituais a serem enfrentadas. Parte do alinhamento identificado como importante de ser realizado foi feito no workshop, realizado em fevereiro de 2016 em Novo Airão, mas a convergência de opiniões para delinear o caminho a ser seguido pelo grupo está sendo construída e é adaptativa.

Alguns resultados podem ser destacados:

- Há uma carência de apoio institucional do Poder Público;
- Existem diferentes expectativas de uma secretaria executiva;
- Há um reconhecimento da importância do mosaico e da necessidade de seu empoderamento;
- Existe uma “chuva de ideias” sobre as funções de um mosaico, porém pouca clareza sobre os limites legais de competência;
- Há a necessidade de uma sistematização das linhas de ação;

- Não há financiamento específico para mosaicos;
- Existe uma demanda forte para a importância do território não apenas por meio de títulos;
- Outras.

Inúmeras outras conclusões podem ser retiradas de uma análise pormenorizada das respostas, podendo o material coletado servir de base para a discussão do grupo. Trata-se, portanto, de uma ferramenta que pode fomentar um alinhamento conceitual e estratégico.

	Pergunta	Respostas
Entendimento sobre o mosaico	O que é um mosaico	É um espaço, com diversas unidades de conservação e com diversas esferas de atuação, cuja visão é sócio territorial. Trata-se de um espaço territorial grande, que deve ser pensado de forma integrada. A vinculação é com o desenvolvimento socioambiental de um determinado território e a gestão do espaço.*
		Fórum de discussão para gestão integrada, basicamente para gestão territorial. Gestão macro/ fortalecimento de um ideal.
		É uma visão de gestão de território, relacionada com a ideia de corredor ecológico, indo muito além do limite de unidade de conservação. É uma forma de ver as unidades de conservação como um território integrado, sendo uma oportunidade de aprender e de inovar, seja para otimizar recursos financeiros ou humanos, articular ações, realizar a proteção.
		O conceito de mosaico tem extrema importância para a Amazônia, entendendo ele como um ambiente contínuo, sem demarcações. Está tudo relacionado dentro do mesmo bioma, havendo uma interdependência entre as unidades de conservação.
		É um espaço privado, participativo e social de busca de soluções. Trata-se de uma ferramenta que não vem com o peso do Estado e nem com a malemolência do movimento social. O mosaico tem que se aproximar de um movimento social, e utilizar o setor público como uma ferramenta de discussão participativa. Seria essa figura que entraria com orçamento, times para ajudar a sociedade e o Poder Público nas questões sociais e ambientais. Como fazer? Não sei como responder. Está indo mais para o lado socioambiental.
		É um órgão auxiliar da gestão das unidades de conservação, que ajuda elas a se entenderem. Explicou que enquanto foi conselheiro houve um esforço para realizar uma gestão compartilhada entre as unidades de conservação. Hoje nenhuma unidade de conservação faz reunião de conselho sem que as demais sejam consultadas.
		Mosaico é integração, podendo chegar até um modelo de desenvolvimento de território, em que a pauta seria o desenvolvimento humano em bases conservacionistas. Talvez não seja só a integração de uma unidade, mas a forma de desenvolver um local. Por enquanto estamos apenas tentando integrar as atividades de uma unidade, porém existem objetivos maiores.
		Existe ao menos duas visões sobre o tema: uma visão técnica, que vê o mosaico como a junção de áreas protegidas e do território, apresentando uma forma de união de forças para a proteção; e uma visão administrativa, com território partilhado por diferentes entes, macro homogeneidade de ambiente que deveria ser trabalhado com objetivos afins, mas por ser partilhado tem objetivos diferentes em função da categoria das áreas protegidas.
		É um território formado por um conjunto de unidades de conservação legalmente reconhecido pelo Governo Federal, responsável por articular e alavancar as ações das unidades de conservação individualmente no território, mas acima de tudo influir na gestão territorial, com base na força agregada das suas unidades de conservação. Envolve também a participação da sociedade civil.
		É formado por um grupo de áreas protegidas, que buscam a gestão integrada, por meio de objetivos diversos, que levam em consideração as características distintas de suas áreas, mas que se complementam em termos de gestão e objetivos. Além disso, potencializa a proteção dos recursos naturais.
		É um espaço de aglomeração dos gestores, ONGs e sociedade civil, cuja essência está na importância da participação comunitária.
É um local para dar voz para as comunidades, que permite as ações de fiscalização e a integração do território.		

Entendimento sobre o mosaico	Competência para um mosaico	Fomento ao turismo nas comunidades (turismo de base comunitária) e debates com as comunidades. Abordou que os comunitários correm atrás de novas iniciativas, mas que precisam de apoio de pessoas que “abram as portas” para as demandas das comunidades. No momento algumas comunidades possuem as seguintes atividades: extração de cipó, castanha e roça. O mercado desses produtos é em Novo Airão e em Barcelos.
		Sensibilização das comunidades, educação ambiental do entorno, fiscalização, turismo e articulação são linhas independentes de atuação do mosaico. O entorno de uma UC é outra UC. Voluntariado também aparece como uma perspectiva.
		Proteção.
		Discutir e integrar ações em comum, uma vez que os problemas poderiam ser resolvidos de maneira macro, seja na execução, na articulação ou na provocação. Poderia também haver um fortalecimento de ações externas. Alguns exemplos são: conservação; monitoramento da biodiversidade (que não se restringe a uma unidade de conservação); bioindicadores; intervenção social, com educação, geração de renda, etc. O mosaico vem para fortalecer um ideal. Questões sociais: fortalecimento comunitário, lideranças - projeto jovens protagonistas
		Ações de influência em grandes territórios, que nenhum dos atores tem condições de puxar individualmente. Além disso, tem poder de influenciar políticas de estado de uso e ocupação do solo e processos socioeconômicos. Monitorar e antecipar problemas, tendências e impactos.
		Realiza operações integradas, com vistas a um alcance maior dos objetivos e por meio de um planejamento macro. Ganha força nas reivindicações.
		De acordo com o SNUC vai desde o parecer para o licenciamento até a representação da sociedade civil, inclusive compensação (pode acessar recurso de compensação sem grandes solicitações). Contudo, não há muita articulação social. As entidades, sejam elas privadas ou públicas, estão acostumadas ao seguinte “eu te procuro quando é preciso”. A prefeita daqui respeita o poder econômico dos gestores, porém a reunião com ela é infrutífera.
		Integração do território, proteção e participação comunitária.
		Gestão de bacias, questão das águas, pesca, desmatamento, áreas de entorno.
		Troca de experiências (é a única coisa que tem sido possível fazer) e a obtenção de informações do que está acontecendo no entorno. Integração de pessoas e gestão: proteção (fiscalização), alternativas para a geração de emprego e renda, em outras palavras, tudo o que já se faz nas unidades, porém em um âmbito global. Outros exemplos são: pesca, uso público (já tem inclusive reuniões/ workshop sobre isso para fazer um portfólio das opções), monitoramento, etc. Gestão documental e preservação da memória.
Tem sido focada em como fazer funcionar o mosaico e a captação de recursos. Atualmente não há uma secretaria executiva para o mosaico, logo tem se focado muito na estruturação. Há um potencial, mas não há uma pessoa responsável para coordenar essas atividades. Se tem muita coisa legal para ser discutida, acaba ficando nos informes, como por exemplo o Manual de Visitação do Baixo Rio Negro; a implantação da reserva da biosfera; etc.		
Deveria pensar em monitoramento de como está a região, sempre com indicadores sociais e ambientais. A partir de aí ver soluções para o que está ruim. Ter um papel articulador. O mosaico, além de ser um fórum de debate, também teria que ter um papel executivo, o que não tem pernas pela falta de pessoal. Temos pensado em projetos próprios, então também é um fomentador. Temos inclusive um projeto integrado, como é o caso do projeto de quelônios.		

Entendimento sobre o mosaico	Atividades atuais do mosaico	Câmaras técnicas, capacitações integradas (agente ambiental voluntário), dentre outros.
		Tem sido focada em como fazer funcionar o mosaico e a captação de recursos. Atualmente não há uma secretaria executiva para o mosaico, logo tem se focado muito na estruturação. Há um potencial, mas não há uma pessoa responsável para coordenar essas atividades. Tem muita coisa legal para ser discutida, porém fica nos informes, como por exemplo um manual de visitação do Baixo Rio Negro; a implantação da reserva da biosfera; etc.
		Reuniões e inserção do mosaico nos projetos.
		Considera administrativamente ineficaz.
		Existem algumas atividades capitaneadas pelas unidades de conservação: a Resex Unini, por exemplo, tem uma ação interna que pode dar resultados para mosaico; o PARNA Anavilhanas tenta fazer link dos GTs do mosaico com a plano de uso público/manejo que vem sendo desenvolvido.
		Ultimamente tem se trabalhado muito a organização e consolidação do mosaico, com possíveis ações estruturantes, que visam fortalecer o conjunto. As câmaras técnicas tentam fazer a coordenação de alguns temas específicos, dentre eles uso público, que é coordenada pela Priscila (chefe de Anavilhanas) e é visto como um potencial turístico. *Roteiro Tucurim (turismo de base comunitária), existe uma Rede Tucurim.
		O desafio atual é o plano de monitoramento, que está num momento de planejamento de ações. Há também um trabalho ajuri de educação ambiental.
		O plano de ação; o monitoramento de quelônios (o programa de conservação de quelônios do Baixo Rio Negro”, no âmbito do mosaico, advém da Câmara Técnica de Monitoramento. Ele não integra o ICMBIO e nem a SEMA, pois é um programa que não dono, anda por ele mesmo); a câmara técnica de monitoramento (tem tido atuação); o estabelecimento de protocolos mínimos para estabelecer padrões de coleta de informação (a ideia é que todos tenham o mesmo padrão, as mesmas fichas, integrando assim a forma de leitura, com mesma logo, informações etc. - já está acontecendo); protagonista ambiental voluntário (ação fragmentada); combate a incêndios.
		Não soube informar, porque o representante atual não repassa nenhuma informação.
		Ajuri
Existem alguns grupos de trabalho, como por exemplo o de uso público. Há o ordenamento do Ibama sobre turismo com botos em quatro flutuantes do Rio Negro. Há também um esforço conjunto na captação de recursos.		
Basicamente são só reuniões e articulações, a partir dos temas discutidos, que envolvem questões urbanas e socioambientais. Há uma tentativa de executar ações, porém não há recursos. Além disso, apenas parte do mosaico se envolve, pois é muito difícil envolver os representantes do outro lado do rio (em especial os municípios).		

Entendimento sobre o mosaico	Diferenciação: atividades do mosaico para atividades de UC	A UC tem que cuidar de tudo o que está dentro dos seus limites, e tudo é determinado em função da decisão dos gestores, não havendo discussão. É muito comum os órgãos gestores mandarem e pronto. O ganho do mosaico é a articulação, apesar de existir ações isoladas. O problema maior é que há muita ingerência dos órgãos gestores, e, particularmente a pessoa não acha que os governantes fora dali entendem o mosaico, só quem está lá entende.
		Abrangência do território. Se for um tema muito específico de uma unidade de conservação, é particular, se atinge a todos/ abrange o território, então deve ser discutido no mosaico. Agora se a questão é importante para um ou outro, o apoio vem por meio de moções. ¹
		Não soube dizer.
		A diferença está na escala do território em questão. Há uma dinâmica territorial, com ramais e expansão de ações para outras unidades de conservação.
		Houve uma reunião para discutir isso. Não há uma exclusão de atividades, se eu sou responsável pela proteção de uma unidade de conservação, eu posso fazer isso para todo o mosaico. O que é competência da unidade também pode ser do mosaico. O mosaico dá amplitude para as discussões do mosaico.
		Abrangência da ação.
		Considera que o mosaico pode ser um fórum para dirimir conflitos entre as unidades de conservação e as comunidades. Um exemplo de problema atual é a redelimitação do Parque do Jaú.
		Para que seja possível identificar o nível de atuação é preciso entender se a questão é mais ou menos abrangente. O mosaico trabalha o planejamento macro.
		Não se manifestou sobre o tema.
		Mosaico só existe para articulação e movimento político. O território do mosaico existe, porém enquanto função social é muito mais uma arena de discussão de planejamento. Não dá para pensar uma coisa só para o mosaico, mas talvez para as lideranças. As atividades são para as unidades de conservação, pois trata-se de um mega território com questões muito diferentes. Nesse caso, o que o mosaico pode fazer é identificar essas áreas mais frágeis e eleger como prioridades de atuação.
		O mosaico é um modelo de gestão, que envolve a participação, integração e envolvimento dos gestores das unidades de conservação e da população local. Além disso, busca a gestão da biodiversidade, da valorização da sociodiversidade e do desenvolvimento sustentável no contexto regional, sob uma perspectiva diferentemente das atividades das unidades de conservação.
Por enquanto a maioria das ações são de unidades de conservação, com o potencial de refletir no mosaico. As demais são ações de articulação. Depende da origem daquela ação. Se for planejada uma atividade em mais de uma unidade, então já é atividade do mosaico. Fora o que sai das reuniões. Todas as ações de integração são consideradas do mosaico, até para valorizar o próprio mosaico.		

¹ Nosso princípio é trabalhar sempre de forma integrada, como por exemplo com as reuniões de conselho, que são sempre feitas perto uma da outra, para conseguir otimizar as viagens. Contudo, o monitoramento do ICMBio é um exemplo de atividade que apresenta dificuldade de integração, pois não foi construído por bases locais. Tem muita coisa que vem de cima para baixo, ficando difícil de compartilhar. O mosaico mesmo tem dificuldade de integrar as ações, seja por causa de prioridades, seja pelas metodologias diferentes de atuação.

Entendimento sobre o mosaico	Ferramentas de gestão	O monitoramento é feito pelo SISUC, que ajuda a refletir sobre a efetividade das ações, além de realizar um planejamento das prioridades. É importante refletir sobre as prioridades para não ser taxado de não efetivo.
		Plano de manejo integrado.
		Precisa ser algo multi-institucional, que tenha legitimidade. O mosaico tem o potencial de permitir a existência de uma autoridade legítima sobre todas as outras unidades de conservação, que englobe todos os entes federativos, por meio de um órgão multi-institucional. Caso contrário, continuaria tudo restrito ao pessoal e não ao institucional, pois a realidade é que tudo acaba sendo realizado por iniciativas pessoais. Houve um reconhecimento formal, porém não entrou na política pública.
		Temos o planejamento estratégico e o “plano de desenvolvimento territorial com bases conservacionistas”. Quando o FNMA lançou o edital para formação dos mosaicos, tinha que ter junto um plano que muito se assemelha a um plano diretor/ manejo de unidade de conservação. Foi desse documento que eles partiram para o plano de ação. Contudo, é um documento extenso, que precisa ser reanalisado.
		Plano de ação, identificação de alvos de conservação, potenciais econômicos e de sustentabilidade.
		Câmaras técnicas (é a melhor ferramenta – em funcionamento tem a de uso público e a de monitoramento tem potencial; existe uma de captação de recursos; tinha uma de educação (está parada) e outra de ordenamento territorial (também parada)); SISUC; colegiado (possui um papel operacional, extra reunião de conselho -IPE, FVA, SEUC, ICMBio, Secretaria Municipal de Novo Airão – se reúnem mais de duas vezes ao ano, aprovam muitas coisas pelo colegiado e depois comunicam aos demais conselheiros por e-mail, apesar de não estar claro no regimento interno).
		Não sabe dizer.
		Plano de manejo integrado.
		Ter uma memória institucional. Promover o empoderamento de uma classe social, mobilizada e consciente. Ter gestores com ampla capacidade de articulação e pouco ego.
		Dinâmicas de: reunião, comunicação, planejamento e prazos. Mecanismos de alinhamento de visões e ações. Estrutura de gestão financeira própria ou não.
		Estratégia de gestão participativa e integrada das unidades de conservação.
		Plano de ação e plano de comunicação.
Geração de um banco de dados de pesquisa e atividades de monitoramento.		

Entendimento sobre o mosaico	Há uma orientação formal ou informal sobre rotinas administrativas	<p>Tem o termo de reconhecimento, que é a mesmo que cria o conselho. Temos o regimento interno do conselho. Mas de resto a organização é em rede, por e-mail. Com a comunidade é que o acesso é diferenciado, por isso o repasse de informações foi dividido por setores, com quatro representantes comunitários - nesse caso ficou acordado que cada chefe de unidade de conservação ficaria responsável pelos comunitários das unidades de conservação que administram. Reuniões em datas próximas.</p>
		<p>Não se manifestou sobre o tema.</p>
		<p>Acordos nas reuniões de conselho. Os grupos de trabalho têm autonomia.</p>
		<p>Regimento interno. Fora isso o plano de ação. Não regras há nada muito bem definidas, ficando as orientações baseadas nas discussões das reuniões e registro em ata.</p>
		<p>Compartilhamento de recursos financeiros.</p>
		<p>Cada reunião se dá um jeito, não há uma formalidade. Não há, por exemplo, nenhuma linha para mosaico previsto no POA de nenhuma unidade. Os acordos em geral são informais, e muitas vezes os parceiros só se comunicam em reuniões. Sobre comunicação, os contratos e apoios do ICMBio são resolvidos diretamente com Brasília, pois os contratos são nacionais, a CR é informada.</p>
		<p>Interação informal entre os órgãos. O terceiro setor tem termos de cooperação (ICMBio e SEMA).</p>
		<p>Não se manifestou sobre o tema.</p>
		<p>Regimento interno, facebook (para compartilhar ações), blog e entre conselheiros é muito utilizado o e-mail (a maioria dos conselheiros consegue ser alcançada, sendo mais fácil para quem está em áreas urbanas. Mesmo os comunitários conseguem acesso em algum momento, contudo, a maior dificuldade é o acesso dos conselheiros com baixa escolaridade).</p>
		<p>Regimento interno. No mais as tarefas são definidas no final de cada reunião.</p>
		<p>Existe um acordo informal entre a Sema de Manaus, Estado e ICMBIO para rodizio de presidente. Há o regimento interno. E a cada reunião é avaliado como será feito o custeio do encontro seguinte.</p>
<p>Tudo restrito ao âmbito pessoal, não há o repasse do conhecimento local. Os gestores já vêm com os seus próprios conceitos.</p>		

Entendimento sobre o mosaico	Como você vê a sua atuação dentro do mosaico	Mais voltada para a parte administrativa da secretaria executiva, ou seja, organização e envio de documentação. Também há um envolvimento com a parte de sensibilização, em Novo Airão, em especial com o movimento Ajuri, que envolve ações urbanas. Identifica que é difícil ir para a área rural, pois há falta recurso.
		Não tem mais atuação direta.
		Todo gestor faz seu papel. Mas acontece que está todo mundo afogado nos seus problemas diários e isso é muito complicado. Sempre que eu posso eu incluo o símbolo do mosaico. Por que não transformar o mosaico num símbolo? Foi assim que criamos o facebook e o blog, como forma de divulgação. Para se ter ideia, fizemos uma capacitação de agentes ambientais comunitários.
		A participação e a chefia vêm pelo rodízio informal de presidentes.
		A principal contribuição nesse momento é a consultoria que está sendo realizada, voltada para a governança e para a sustentabilidade financeira. A dedicação depende da disponibilidade de tempo.
		A atuação é deficiente, queremos fazer muito mais, porém não há pernas para isso. Cada membro do mosaico representa um território, que é grande. Além disso, cada membro do mosaico está numa fase de aprendizado, entendendo o seu papel para que possa melhorar a sua atuação e o desejo para a integração. Um dos desafios é como envolver as comunidades e a sociedade civil nesse processo, que acaba muito vinculada aos atores governamentais. Não só no mosaico, mas nos conselhos das unidades de conservação, existe uma dificuldade com a participação dessas pessoas, que muitas vezes são taxadas de “dedo-duro” em suas próprias comunidades. ²
		Atuante.
		Não há mais. Pelas estruturas municipais até tem espaço, mas é difícil. Há resistência, pois o discurso tem que deixar de ser ambientalista e ser socioambiental, uma vez que há preconceito da população com o ambiental, já que muitas não têm relação com as unidades de conservação.
		Há um forte envolvimento, porém a frente desse trabalho é pessoal.
		Não consegue dar conta de participar ativamente do mosaico e ainda gerir uma unidade de conservação nas proporções das áreas protegidas da Amazônia, ainda mais sem pessoal. O compromisso é pessoal, não havendo nenhum apoio institucional.
		Não se manifestou sobre o tema.
		Não se manifestou sobre o tema.

² A sociedade civil não tem papel determinante nessas ações, a não ser que seja uma ação pontual como participação em câmara técnica.

Entendimento sobre o mosaico

Sua instituição apoia o mosaico? Como?

<p>Mosaico não existe nem para o ICMBio nem para a SEMA. No passado tentaram cerca de 200 mil reais para atividades de divulgação e não conseguiram resultado. Existe uma vontade técnica, diferente da política.</p>
<p>No momento não tem espaço para esse apoio, pois se posicionar a favor do meio ambiente é a mesma coisa que perder voto.</p>
<p>Não tem um <i>locus</i> institucional dentro do ICMBio. Não tem como recepcionar as demandas, ou seja, não vira pauta.</p>
<p>A SEMA não tem quadro efetivo, porém apoia sim, tanto que tem um funcionário participando do mosaico. No entanto, há uma perda de memória institucional e uma dificuldade no repasse das informações, devido à alta rotatividade, fazendo com que fique muito centralizado nas pontas. Há ainda resistência de algumas esferas de decisão a serem envolvidas, pois a participação é mais ampla.</p>
<p>Há uns anos atrás teve dentro da DISAT uma coordenação de mosaico, que era o Alan Crema. Mas o setor foi extinto. Eles participaram da discussão local, trouxeram o Breno do Mosaico Central Fluminense e levaram o Sr. Peba para conhecer o Mosaico Carioca. Mas agora, se a gente estiver trabalhando aqui e estiver dando tudo certo, eles nos deixam em paz. Se a gente fizer algo diferente, a gente sabe que Brasília não irá apoiar, pois não há respaldo institucional.</p>
<p>O ICMBio não apoia essa agenda. Houve iniciativas para discutir o tema, porém sem êxito. Inclusive, a única pessoa em âmbito federal que havia sido designada para o setor responsável pelo tema foi realocada e o setor extinto.</p>
<p>Há um mapeamento de iniciativas de monitoramento, visando a construção de um sistema de monitoramento (projeto até 2017). Há também um incentivo ao fortalecimento do mosaico e o uso de ferramentas de planejamento, pesquisa e dados do sistema.</p>
<p>O tema mosaico tende a crescer em importância dentro do terceiro setor.</p>
<p>O governo municipal de Novo Airão, por não possuir uma unidade no mosaico, trabalha nessa parceria muito mais por uma vontade de estar envolvido na discussão do que por obrigação. Por outro lado, não se vê os gestores municipais em geral ligados à questão ambiental, tornando-se uma questão pessoal, que depende muito de quem está à frente da secretaria de meio ambiente (uma vontade do gestor público). Mesmo o ICMBio tem embate. Não há uma institucionalização. São as pessoas que atuam naquele território que querem que ele funcione. Não há apoio dos gestores público municipais, e quando há são com recursos humanos apenas.</p>
<p>Não há o envio de relatoria das atividades. Não sabe se o representante está participando ou se parou de apoiar o mosaico.</p>
<p>Alimentação, participação dos técnicos nas discussões e transporte.</p>
<p>Há uma proposta de atuação no Baixo Baixo Rio Negro, com propostas associadas para o mosaico. Não há apoio da prefeitura.</p>

Sustentabilidade financeira	Atuais fontes de recursos	Não se manifestou sobre o tema.
		Antes: projeto do Ope, PNUD. Agora: rateio com o que sobra. A proteção é a linha que mais tem recursos do ICMBio, já para reunião do conselho, apenas algumas atividades são aceitas.
		Próprias unidades de conservação, parceiros (FVA, WCS).
		Rateio entre as unidades de conservação. Essa é exatamente a questão a ser enfrentada.
		As fontes atuais são os recursos das unidades de conservação. É feito um rateio, pois não há recurso para o mosaico. Havia a grana do FNMA, mas não existe mais. Esse alerta havia sido dado. O custo é caro, pois no mínimo tem que haver recurso para o combustível e a alimentação dos membros, uma vez que em geral eles não têm nem para eles e muito menos para ir numa reunião. Senão fizer isso, não há participação (muito voltado para a participação das comunidades).
		Não tendo posição institucional, a parte financeira é mais difícil, não vira processo interno e não tem como alocar recursos.
		Orçamentos individuais das unidades de conservação, recursos do ARPA e ONGs (recursos próprios vindos de projetos).
		POA das unidades de conservação.
		Rateio entre as instituições. No caso de monitoramento de quelônios – se reúnem antes para dividir os custos entre as unidades de conservação.
		Não se manifestou sobre o tema.
		Não tem orçamento próprio. O ARPA é uma opção.
	Institucionais.	
	Oportunidades de captação	Orçamento das organizações.
		Fundo Estadual de Meio Ambiente; Moore Foundation; compensações ambientais (definição de linha específica para mosaico).
		ONGs, IPE, FVA, Fundo Amazônia, WCS, Usaid, compensação, fundo estadual, Moore, Serviço Florestal americano. Além disso, já identificamos alguns produtos que são legais para o mosaico. Tem o SEBRAE, que divulga roteiros de turismo. Mas são produtos que a gente visualiza um produto e tenta ações pontuais, o que está longe de uma sustentabilidade financeira. Já tentaram recurso do fundo estadual e da compensação ambiental. Não chegaram a montar projetos, pois pararam todas reuniões. Tem as doações.
		Não se manifestou sobre o tema.
		Compensação ambiental; Google; ONG's locais; venda de camisetas, fonte 120; Embaixada Britânica; Clua; empresas localizadas na zona franca (Semp Toshiba, Instituto Fleury, etc.); Osasco; ABC; Fundação Vale; trocas de favor.
		Compensação, repartição de benefícios, Suframa, iniciativa privada (perto de Manaus) TAC, parcerias com empresas de turismo, acordos diversos com iniciativas privadas, grandes projetos BNDES, União Europeia (não via mosaico e sim por parcerias), lei de serviços ambientais.
		Editais, parcerias (mais de manutenção).
		Arpa (havia um edital de mosaico, mas acredita que tenha sido extinto). Instituições do próprio mosaico (FVA, Ipe, WCS, Moore). Para os gestores é um pouco mais difícil captar recurso, principalmente com a demanda enorme existente nas unidades de conservação.
Arpa (recorte para mosaico); consórcios e instituições para ações de dimensão maior; Fundo Amazônia; doações internacionais de médio e longo prazo 5 a 10 anos. Atualmente são projetos curtos e pouco recurso. Usaid, BID, Moore, comunidade europeia, Noruega, Petrobrás.		
Instituições parceiras poderiam apresentar propostas, ex.: FVA, Almerinda Malaquias, WCS, etc.		
Há um apelo muito forte dentro dos países desenvolvidos, porém ainda não há resultados desses aportes. Falta um plano estratégico para vender a unidade como sustentável, que vise realmente a sustentabilidade da unidade de conservação, seja pela culinária, extrativismos, turismo, manejo de espécies (principalmente animais), etc. É preciso um plano bem coeso que permita captar recursos, pois hoje são feudos da república.		

Sustentabilidade financeira	Recursos das UCs utilizados para atividades do mosaico	Não se manifestou sobre o tema.
		Não se manifestou sobre o tema.
		Combustível e alimentação.
		Combustível e alimentação.
		Não se manifestou sobre o tema.
		Integração com o entorno.
		Não se manifestou sobre o tema
		Improviso para integração com o entorno.
		Temos o projeto “quelônios”, que é financiado pelo ARPA + Fundação Moore (WCF). Ele custa 130 mil por ano, sendo que a contrapartida do governo é com pessoal. O PARNA Jau (parte norte) e Resex Unini repartem os 130 mil, enquanto a Prefeitura ajuda com cerca de 3 mil por ano. Há o monitoramento e a integração com o entorno. Existe uma dificuldade de apoiar a proteção, por causa das estratégias de operação, que são diferentes. É difícil integrar essas ações sem que ninguém se sinta ofendido.
		Combustível e alimentação, partilhado entre as unidades de conservação. O PARNA de Anavilhanas tem uma linha no POA para integração com o entorno.
	Não se manifestou sobre o tema.	
	Plano de ação	Precisa de revisão, pois falta virar um planejamento estratégico.
		Ele está bem complexo e completo, porém precisa ser mais executivo. Eu não diria que ele precisa ser fechado, ele precisa ser adaptativo. A proposta de consultoria para revisá-lo foi recebida parcialmente bem, a ideia é contratar um facilitador, pois quem tem que mexer nesse documento são os membros, não um consultor.
		Não se manifestou sobre o tema.
		Tem coisas que tem que ser retiradas urgentemente. Não temos pernas para fazer gestão de mosaicos da forma idealizada. O plano de ação era um documento imenso, nos esforçamos para enxugar, no entanto, não conseguimos ir longe, porque tinha gente muito romântica. Ainda não é um plano de ação propriamente dita, fizeram o “fofa”, mas não fizeram o “smart”. Sabemos que não há pernas para tantas ações. A minha visão é mega executiva, é trabalhar como arena e trabalhar como facilitador da sociedade, com o que é realmente factível.
		Documento aberto, precisa ser revisado. Ele foi feito integrando um monte de gente e então a gente sonhou. Tem várias coisas que não são factíveis, precisa colocar o pé no chão. Ficou muito restrito às atividades, não desceu no chão, para o que se espera e os resultados.
		Deveria ser revisto, pois há pouca clareza do que é ação para o mosaico.
		Não se manifestou sobre o tema.
		É suficiente, mas precisa de priorização. Atualizações podem ser feitas ao longo do tempo.
		Ok.
Não se manifestou sobre o tema		
Precisa ser revisto (até fevereiro ou março de 2016). É preciso definir alvos de cadeias de ações.		
Conseguiram montar um plano de ação que integra as unidades de conservação. O desafio é como pegar esse plano de ação e fazer com que ele funcione (dentro de tantas diferenças). Por outro lado, sempre tem novas demandas. A princípio o plano está fechado, mas há uma demanda de financiadores para mudar, já que há uma contradição sobre a complexidade do documento.		

Sustentabilidade financeira	Resultados do Plano de ação	Não se manifestou sobre o tema.
		Não se manifestou sobre o tema.
		Não se manifestou sobre o tema.
		Não se manifestou sobre o tema.
		Não se manifestou sobre o tema.
		Não se manifestou sobre o tema.
		Não se manifestou sobre o tema.
		Não consegue ser otimizado.
		Não se manifestou sobre o tema
		Não lembra de haver resultados.
		Não dá para mensurar, pois não tem indicadores.
		Deve haver uma relatoria do que foi alcançado com o plano de ação.
Perguntas finais	Oportunidades	Ter um planejamento; ganhar peso e ser conhecido; captar recursos; agregar forças; criar um conjunto de indicadores de tendências. Além disso, o mosaico pode ser usado como estratégia de articulação, <i>lobby</i> , <i>advocacy</i> . Há também outros possíveis parceiros como a Moore, o Fundo Vale, a USAID, o Serviço Florestal Americano (O Baixo Rio Negro está na agenda de territórios prioritários). Outra oportunidade seria criar um grupo de parceiros fortes, bem como manter unidades de conservação implementadas e bem geridas.
		Tem um caminho que fica meio descoberto, mas enquanto as prefeituras não conseguirem ler as mesmas necessidades, fica difícil. Precisamos pensar na população, então precisamos pensar em projetos para a população local (formas de produção, agricultura, alternativas de atividades socioambientais). Existe um pulo do gato que é trabalhar as questões do município e as cadeias produtivas, tentando agregar as questões da conservação. Temos também os jovens que estão sendo capacitados, que podem ser foco para reflexão para alternativas de produção sustentáveis. Como esse recurso volta para o município?
		Diálogo fluido e aberto; fortalecimento do capital social (envolvimento local e articulação entre ONGS e gestão pública); convergência de ações. Cenário bem constituído de atores e paisagem, permitindo um maior convencimento dos financiadores (“despertar de financiadores”). Oportunidade de construir um cenário diferente para Amazônia, que sirva de piloto para outras regiões. Resultados de projetos positivos. Agenda voltada ao turismo integrado, com projetos que mostrem a vida/ vivência.
		Possibilidade de integração dos diversos atores dentro dessa grande região.
		Não se manifestou sobre o tema.

Perguntas Finais	Oportunidades	<p>A região possui o mosaico e é reserva da biosfera, reconhecimentos que dão um status significativo a ela (importância da área). Tirando a parte de Manaus, muito antrópica e que sofre pressão, estamos falando do coração da Amazônia. A magnitude dessa área e a sua relevância para o mundo é significativa, pois a escala de preservação tem um apelo muito grande, com potencialidade para se tornar referência (visibilidade). Também oferece oportunidade de aprendizado, troca de experiência e inovação na gestão das unidades de conservação, com a otimização de recursos financeiros e humanos, além da articulação de ações para a proteção. Juntar forças. Tem muitas coisas interessantes já acontecendo nas unidades de conservação, e seria interessante amplia-las.</p>
		<p>O maior ganho possível é a articulação com outras instituições e “ganhar” mais voz. Integração entre as instituições</p>
		<p>O mosaico tem um nome forte para divulgação, que tem a força da Amazônia – ideal para o marketing ambiental. Tentar extrair da demanda do mosaico o que a unidade consegue responder. ONGs poderiam estar atuando num nível coordenativo.</p>
		<p>Engajamento técnico de ponta; compromisso para além da hora de trabalho; proteção da maior área protegida contínua de floresta tropical do mundo. O território pode servir como garantia/ modelo de desenvolvimento sustentável. Uma oportunidade de fazer um produto extraído da floresta, com símbolo e referência do mosaico = estratégias de cadeia produtiva. Responsabilidade socioambiental. Temos também o passaporte verde, a zona franca verde, e a cooperação entre instâncias do governo. *O Bradesco tinha uma parceria com a FAZ. A pessoa com conta no Bradesco decidia, toda vez que acessava a sua conta, se queria ou não apoiar os recursos. Inovação.</p>
		<p>Problemas parecidos que podem ser resolvidos juntos! Grupo consolidado de pessoas e o ordenamento do turismo realizado.</p>
		<p>Oficinas para conselheiros e trocas de experiências entre territórios.</p>
		<p>Não se manifestou sobre o tema.</p>
Perguntas finais	Desafios	<p>Existe o desafio de como engajar as prefeituras, que tem muita relação com os planos dos governos. Não temos peso nenhum junto as prefeituras, pois a gente não puxa políticas públicas. Por outro lado, a gente acredita que se tivermos projetos e gerarmos renda, as prefeituras podem nos ver como aliados.</p> <p>Contudo, escrever projetos e conseguir recursos é uma atividade do terceiro setor. No momento tanto o IPÊ quanto a FVA estão tentando se estruturar, com projetos para estruturar o mosaico no Fundo Amazônia. Tem também a WCS. Há um consórcio da FVA e WCS para trabalhar o monitoramento para o mosaico, que parece que é pago pela USAID. A USAID renovou com o Brasil com foco em meio ambiente e com foco também na Amazônia.</p> <p>Grande plano do mosaico, falta peso e poder político. Replicar atividades em outros municípios além de Novo Airão.</p>
		<p>Trazar a população para o debate e fazer ela enxergar que a floresta em pé é melhor para as futuras gerações do que ela abaixo. Mas não adianta apenas palavras e para isso é preciso um plano/ estratégia de sustentabilidade. Hoje o homem do campo só vê como saída a exploração desregulada. É preciso inserir novas técnicas de exploração do campo por meio de técnicas acadêmicas, agregando formas de escoação e integração. É preciso ter um olhar empreendedor.</p>
		<p>Recursos financeiros: nenhuma associação, por exemplo, pode se desenvolver, pois estão presos às "regras da associação". As adversidades são muitas. Área muito grande, com realidades diferentes, nas quais ainda impera o individualismo e isso impede o avanço.</p>
		<p>O primeiro é conseguir se estruturar enquanto mosaico, fazer “rodar” direito, sem que seja “nas coxas”. O segundo é fazer o plano de ação sair do papel. O terceiro é fortalecer a unidade, pois está bem em baixa o mosaico/ fortalecendo institucionalmente, pois o compromisso aqui ainda é muito pessoal. Porém o grande desafio é conseguir envolver de fato as comunidades nas questões do mosaico. Eles têm cadeira</p>

Perguntas finais		no mosaico, mas é terrível, porque você percebe nitidamente que eles não estão alcançando a proposta. Poucos são os que entendem o que está sendo dito, pois apesar de haver metodologia para falar com os comunitários, percebe-se que eles não entendem a parte técnica. Há ainda um grande desconhecimento sobre os mosaicos. Muitos não sabem sequer que existe.
		Juntar a gestão administrativamente para fortalecer a execução como mosaico. Há uma desigualdade de esforço entre as unidades de conservação estaduais e federais. Além disso, o turismo não é estruturado.
		Operacionalizar. Pisar no chão. Entender que as pernas do mosaico são poucas, deixar de sonhar menos e focar mais. Captar recursos. Mobilizar classes sociais. Fazer com que todos os cidadãos de Novo Airão queiram lutar por um mundo melhor e queiram utilizar o mosaico.
		Difícil conciliação da expansão urbana com a agenda conservacionista, exigindo atividades de sensibilização ambiental, lixo e esgoto, demanda por recursos naturais e manejo. Necessário mais pessoas para a gestão.
		Há fragilidade na gestão do mosaico, sendo ainda muito pessoal e dependente do interesse das pessoas. Não há uma institucionalização. Se fosse institucionalizado seria mais fácil ter recursos financeiros.
		Necessidade de integrar as ações dentro do mosaico, havendo falta de prioridade nas instâncias de governo. Enorme proximidade da região metropolitana.
		Há um excesso de colaboração, precisando se tornar mais executivo. Necessidade também de uma estrutura de gestão financeira, pois faltam recursos para efetivar o plano de ação. Risco: estar perto de Manaus e os problemas que isso acarreta; existe uma falência da sociedade civil. Além disso, há uma dificuldade de parametrizar conceitos.
		Institucionalização (é necessária para que as atividades sejam alavancadas, uma vez que ainda estão baseadas nas relações interpessoais); envolvimento dos representantes comunitários nas ações dentro do mosaico, com geração de renda para comunidade; implementação do plano de ação; estruturação da sustentabilidade financeira, retorno de benefícios (compreensão/ retorno de benefícios e produtos dos principais atores da região. Seja unidade de conservação de uso sustentável ou proteção integral, os ganhos dessas unidades precisam retornar para as comunidades/ principais atores, por exemplo com o PSA).
	Como você deseja que o mosaico funcione	Necessidade de buscar recursos para a sobrevivência do mosaico.
		Conflitos passíveis de resolução.
		Equipes trabalhando em Novo Airão, porém lembrando que o mosaico tem outros municípios e buscando formas de fazer o modelo se replicar. Pessoas trabalhando em temas. Grupos executivos. No município tem gestores ambientais formados. Colocar a população do município para trabalhar com conservação.
		Possuir uma marca forte, que tenha apelo público e, por conseguinte, força política. Além disso, que permita também a valorização das iniciativas de conservação das unidades de conservação.
		Ajustes geopolíticos realizados e adequados. A criação de oportunidades de desenvolvimento e geração de renda para as comunidades. As unidades de conservação cumprindo seus objetivos, pesquisa e monitoramento da biodiversidade.
		No mínimo com uma secretaria executiva tocando os encaminhamentos e um trabalho de articulação técnica e política. Não há uma articulação política ambiental, seja em âmbito federal, regional ou local. O argumento técnico até existe, mas não político.
Um espaço de coordenação mais amplo. Ter o MBRN como um modelo de referência.		

	<p>Compartilhando experiências, trabalhando de forma integrada, com pessoas dedicadas e respaldo institucional. Isso permitiria uma maior compreensão pelos nossos parceiros do que é o mosaico, bem como a troca de experiência com outros mosaicos. Ter também um banco de dados maravilhoso para quem quisesse pesquisar, visitar, etc., aliado a um plano de ação pronto para captar recursos.</p>
	<p>Decisões do conselho conseguindo abarcar as demandas; participação em fóruns e decisões da secretaria de planejamento do governo, como um território a ser necessariamente ouvido; macroplanejamentos da região elaborados; um mosaico com uma organização interna administrativa mais efetiva.</p>
	<p>Não se manifestou sobre o tema.</p>
	<p>Ter autonomia financeira. Fazer o papel que precisa ser feito para a realidade da Amazônia. Funcionar como um fórum que garanta o espaço das populações tradicionais, mas também um fórum de mediação de conflitos. Poder realizar a interlocução entre as necessidades da sociedade civil e as tomadas de decisão. Garantir a participação social desde que esteja qualificada. Formar um time de interlocutores sociais melhor do que existem hoje.</p>
	<p>Não se manifestou sobre o tema.</p>
	<p>Ter um mosaico com um profissional exclusivo dedicado às atividades a serem desenvolvidas, evitando assim sobrecarregar a Presidência e permitindo que as instituições apoiem mais as ações do mosaico.</p>